

Lourenço
1946

Assistentes da Acção Católica

Estatística

O censo da população de 1940, há pouco vindo a lume em valiosas publicações do Instituto Nacional da Estatística, revelou que 92,7% dos habitantes do Continente se declararam católicos. Percentagem animadora, sem dúvida!

Não queremos discutir hoje o catolicismo desta imponente maioria, nem sequer a exactidão ou a veracidade das declarações. Muito haveria a dizer sobre a matéria, mas os Rev. Párocos e Assistentes da Acção Católica não precisam de maior lição que a sua dura experiência, nos dissabores de cada dia... e das suas estatísticas religiosas!

Outro assunto nos ocupará nestas linhas de amena conversa com os Assistentes: a estatística dos não católicos.

Segundo os mesmos dados do censo de 1940, havia em Portugal Continental 346.427 ateus, isto é, indivíduos que declararam não seguir nenhuma religião, e 59.882 sequazes de religiões não-católicas. Para se apreciar a ordem de grandeza destes números em relação com a população portuguesa, basta fazer-lhes a conta: 482 ateus por 10.000 habitantes, 83,2 de outras religiões por cada 10.000 habitantes. Por outras palavras, poderemos dizer que em cada 100 portugueses existiam (números redondos) cinco ateus e 1 de religião não católica.

A distribuição não é, porém, idêntica por todo o território. Enquanto, por exemplo, o distrito de Braga acusava 5,2 de não católicos e 4,6 de ateus, os distritos de Beja, Évora, Portalegre, Lisboa e Setúbal, apresentam-se com uma percentagem assustadora. O pior de todos é o distrito de Setúbal, com 138,1 de não católicos e 2.281,5 de ateus em cada 10.000 habitantes, ou seja um total de 25% da população.

Os distritos em que as religiões não católicas têm mais adeptos são, pela ordem decrescente de grandezas: Lisboa, com 22,6 por mil; Setúbal, com 13,8; Santarém, com 11,3; Évora, com 11; Beja, com 10,7; e Porto com 10,6.

Nenhum outro censo, a não ser o de 1900, cuidou de investigar do estado religioso da Nação. É, porém, bastante elucidativa a comparação dos números conhecidos nos dois censos, à distância de 40 anos um do outro.

Em 1900, te da católica. Em Quase 10 vezes m.

Por sua ve 1940, esse número

Se nos con diz católica, parece xar-nos no espírito são católicos nem lução destes últimos.

Fixemos a 1900, só havia 2,7

so do ateísmo é as dentro de 20 anos, evidentemente, fa.

A falta de dados se está ainda a su que datas históric

lenta ou mesmo r fornecer elemento

for uma conclusã mentou, em 40 ar

Ateísmo mi lítica, sem ligação trário, espírito de

Esta invest as baixas no redil

Sem dúvida nómeno.

Por nós, es desenvolvendo não dos pastores.

A face do as primeiras págin os homens que pu

abrir com honra E coube-no

sicão! Dura resp Se não sou

o homem velho, contra nós.

A Acção C chaves do mundo

Como pode dum mundo que

Em 1900, em cada 10.000 habitantes, apenas 8,9 seguiam religião diferente da católica. Em 1940, esse número subiu, em cada dez mil habitantes, para 83,2. Quase 10 vezes mais.

Por sua vez, em 1900, em cada 10.000 habitantes havia 2,7 de ateus. Em 1940, esse número atinge a cifra de 482, ou seja 180 vezes mais!

Se nos contentarmos com ler apenas a percentagem da população que se diz católica, parece não haver razões para alarme. A mesma tranquilidade pode deixar-nos no espírito a leitura dos números absolutos e percentagens dos que não são católicos nem crentes. O mesmo, porém, não acontece se reflectirmos na evolução destes últimos dados da estatística.

Fixemos a atenção nos que declararam não ter religião nenhuma. Como em 1900, só havia 2,7 por cada dez mil habitantes e agora se declaram 482, o progresso do ateísmo é assustador. Se continuasse no mesmo ritmo — o que é impossível — dentro de 20 anos o catolicismo teria sido aniquilado em Portugal. Não podemos, evidentemente, fazer juízo só por estes dois termos de comparação: 1900 e 1940. A falta de dados intermédios impossibilita-nos de apreciar a curva da evolução, se está ainda a subir e em que ritmo, se a ascensão tem sido regular ou não, em que datas históricas flectiu mais rapidamente, se teríamos entrado numa ascensão lenta ou mesmo numa descida. O próximo censo de 1950 poderá, a este respeito, fornecer elementos de estudo que agora de todo nos faltam. Seja porém como for, uma conclusão se pode desde já fazer ressaltar: o número dos descrentes aumentou, em 40 anos, em proporções alarmantes.

Ateísmo militante, antigo ou moderno? Meras consequências da evolução política, sem ligação com nenhum esforço organizado dos sem-Deus? Ou, pelo contrário, espírito de conquista do comunismo ateu e da franco-maçonaria?

Esta investigação é necessário fazê-la, porque o lobo desceu ao povoado e as baixas no redil vão aumentando.

Sem dúvida, são múltiplas as causas determinantes de tão lamentável fenómeno.

Por nós, estamos certos de que ele está apenas no seu início e que se irá desenvolvendo não tanto por efeito da agressividade dos lobos como pelo descuido dos pastores.

A face do mundo transformou-se em poucos anos. Estamos escrevendo já as primeiras páginas dum novo período da História. O problema está em saber se os homens que puseram o ponto final no capítulo que se fechou, estarão à altura de abrir com honra as novas páginas.

E coube-nos a nós, os de mais de 40 anos, a responsabilidade de fazer a transição! Dura responsabilidade!

Se não soubermos adaptar-nos aos tempos novos, se não soubermos despir o homem velho, bem pode ser que a História comece a ser escrita sem nós ou contra nós.

A Acção Católica foi uma inspirada tentativa de pôr em nossas mãos as chaves do mundo novo.

Como poderemos nós abri-lo, se teirmos em fazer dela o fecho e a trama dum mundo que acabou?